



Esboços de um arquivo I: Corpo ressequido

Sketches of an archive I: Withered body

Esbozos de un archivo I: Cuerpo reseco

MAGALHÃES, Mário Luís Carneiro Pinto

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
mario.mag1978@gmail.com
ORCID ID: 0000-0003-1202-5769

Recebido em 10/12/2021 Aceito em 04/04/2022



Resumo

Este primeiro ensaio de três, a guisa de provocação, busca o diálogo da obra de Eça de Queirós, *A Relíquia*, com uma tradição de reflexão sobre a memória e os corpos. Seja pelo debate sobre o arquivo em Derrida, seja por via patrimonial em Choay, ambos tributários de Freud e a literatura arqueológica desde XIX. Ao mesmo tempo, explora o arquivo de uma escrita de si.

Palavras-Chave: corpo, arquivo, Eça de Queirós.

Abstract

This first of three essays provokingly sets out to establish a dialog between Eça de Queirós', A Relíquia, with a scholarly tradition concerning memory and bodies. Wether by investigating the notion of archive in Derrida or the notion of heritage in Choay, both pay tribute to Freud and the archeological literature since the 19th century. At the same time, the essay explores the archive of a writing of oneself.

Key-Words: *body, archive, Eça de Queirós.*

Resumen

Este primer ensayo de tres, a modo de provocación, busca un diálogo entre la obra de Eça de Queirós, A Relíquia, con una tradición de reflexión sobre la memoria y los cuerpos. Ya sea a través del debate sobre el archivo en Derrida, o por la vía patrimonial en Choay, tanto deudores de Freud como de la literatura arqueológica desde el siglo XIX. Al mismo tiempo, explora el archivo de una escrita de sí mismo.

Palabras clave: *cuerpo, archivos, Eça de Queirós.*



Corpo ressequido

...uma senhora muito alta, muito seca, vestida de preto, com um grilhão de ouro no peito; um lenço roxo, amarrado no queixo, caía-lhe num bico lúgubre sobre a testa; e no fundo dessa sombra, negrejavam dois óculos defumados. (Eça de Queirós, *A Relíquia*, 1997 [orig 1887], p.18)

Assim entra em cena uma das principais figuras do romance de Eça de Queirós. Porte cadavérico, presença sombria, indumentária de velório e visão de mundo embaçada consignam seu corpo¹ (DERRIDA, 2001, pg14). Ao que o narrador não cessará de adicionar traços explícitos de moribunda, de pronto acusando seu "carão chupado e esverdeado", seu beijo de uma "frialdade de pedra".(p.18).²

Estes atributos configuram o manequim sem vida que carrega uma promessa dourada - material e espiritual. Domiciliada³ (DERRIDA, 2001, pg 13) na figura da visível e tenebrosa tia, invisibiliza sob a familiaridade de 'titi' o papel arcôntico e patriarcal de Tia Patrocínio, raramente endereçada como tal, herdeira única de uma fortuna a qual o órfão *Tedrico*, que protagoniza a narrativa, é convocado imediatamente a adoração e obediência: "É necessário gostar muito da titi... É necessário dizer sempre que *sim* a titi!" (p.18). Os bajuladores de titi, reforçam o abandono da orfandade que sempre assoma como uma chantagem opressiva, reiterada como um mantra em todo o romance, como um assombro: "O Teodorico não tem ninguém senão a titi... É necessário dizer sempre sim a titi..."(p.19)

Seu nome *Tedrico*, que o pequeno Teodorico fala com dificuldade, remete o órfão a pertença, para além de titi, a Deus archipatriarca e Sua verdade⁴. Ela comanda: "faça o seu sinalzinho da cruz"(p.19), ao que seguem os demais passos, o ajoelhar nas almofadas "cavadas pelos piedosos joelhos da titi" (pg20) e o juntar as mãos que performam essa comunhão que ela lhe impõe pelo rito. Eça desessencializa o viver da carne e o animado do gesto na repetição de uma dança, também esta, de pedra.

Mas o menino desvia - "nao fiz o sinal da cruz"! Algo se insurge contra a *galvanização*⁵ da experiência que tudo em ti trai. Teodorico é também, afinal, Teodorico Raposo, *Sr Raposo*. De fato, o que Eça explicita e desconstrói é a filiação, a suposição de um direito e dever natural ao *mesmo* lugar na *mesma* sociedade que as revoluções de 1776 e 1789 em diante denunciam e que, muito antes, a experiência americana - a de Américo Vespúcio - da alteridade dos povos originários deste país, colocaram em evidência (Cf PEREIRA, 2000). Não sendo natural, dado ou certo, a questão é se e de quem Teodorico-Raposo deve se *fazer herdeiro!*

De forma que talvez pudéssemos pensar que neste romance, Eça de Queirós, evidentemente sem o saber, adere ao programa que Derrida propõe, mais de século depois, em 1995, em *Mal de arquivo*:

¹ "A consignação tende a coordenar um único corpus em um sistema ou sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal.", "o ato de consignar *reunindo os signos*".

² As indicações apenas com as páginas fazem sempre referência a Eça de Queirós.

³ Derrida chama atenção a essa topologia e nomologia, que dão lugar e poder de lei ao arquivo. Se lhe dar domicílio o faz visível, esta proximidade doméstica ao mesmo tempo o faz como que invisível a plena luz do dia.

⁴ mais a frente Eça irá colocar na boca de Jesus - "Eu vim a este mundo testemunhar a verdade! Quem desejar a verdade, quem quiser pertencer a verdade tem de escutar a minha voz!" (p.123).

⁵ Cf Walter Benjamin no artigo "Erfahrung und Armut" de 1933 contrapõe uma experiência transferida como "Galvanisierung" e aquela de uma atualização como "Wiederbelebung".



Uma ciência do arquivo deve incluir a teoria desta institucionalização, isto é, ao mesmo tempo, da lei que aí se inscreve e do direito que a autoriza. Este direito põe ou supõe um conjunto de limites que tem uma história, uma história desconstrutível e cuja desconstrução a psicanálise, no mínimo, não terá ficado alheia. Esta desconstrução em curso diz respeito, como sempre, a instituição de limites declarados intransponíveis, seja o direito das famílias ou do Estado, sejam as relações entre o secreto e o não-secreto, ou, o que é outra coisa, entre o privado e o público, seja os direitos de propriedade ou de acesso, de publicação ou de reprodução, sejam a classificação e a ordenação. (DERRIDA, 2001, p.14-15)

É a esta investigação de "limites declarados intransponíveis" que Eça se entrega explorando a ambiguidade de Teodorico Raposo. Para não incorrerem em anacronismo, devíamos antes reconhecer que é Derrida quem está em débito com a tradição literária. Afinal, a força do romance de W. Jensen, *Gradiva*, ocupa a reflexão freudiana sobre o arquivo da memória, e fala diretamente ao coração do *mal de arquivo*. Forte impressão de uma temática que atravessa a literatura do século XIX, especificamente a ficção arqueológica (Cf. ROMERA, 1995), ou mais amplamente da memória, com aqueles mais conhecidos no campo da arquitetura e urbanismo como Ruskin e Victor Hugo. Mas jamais uma palavra neste campo sobre *A Relíquia*.

Na mesma década de 1990s, e antes de Derrida, em 1992, Choay já havia apontado com a *Alegoria do Patrimônio* a ruptura radical que se impunha entre os tempos com a mudança no modo de produção a partir das revoluções industriais. Reconhecia a apreensão de Victor Hugo em 1832 reverberando as transformações do séc XV em função das quais "às letras de pedra de Orfeu vão suceder as letras de chumbo de Gutenberg" (apud CHOAY, 2018, p. 149).

Mas agora o "isto matará aquilo" (id. lb. p.151) de Choay dialoga com *O mal estar na cultura* de Freud. Seria a ansiedade transformada em síndrome narcísica devido ao risco da velocidade das transformações em face ao *si mesmo*, que mataria com a inflação patrimonial a "competência de edificar". Opõe assim ao "culto moderno" de Riegl, atento ao sentido relativo e atualizante de uma memória e história vivas, "um culto irracional" e "uma valorização incondicional" de uma "reliquia" ou "gadget" (CHOAY, 2006, p.257).

Posfácio, prefácio, interlúdio

Talvez seja devido dizer algumas palavras após essa provocação. Escrever sobre *A Relíquia* não é natural. Não menos para mim, que nunca tinha lido Eça de Queirós e guarda pouco hábito de ler literatura, sempre privilegiando os textos acadêmicos. A acusação que faço ao campo da arquitetura e urbanismo, também já me coube esta carapuça. No curso da minha pesquisa doutoral sobre Jose Bonifácio, demorou a sulcar uma marca mais profunda da cultura lusa, mas esta dobra, penso, ocorreu.

Devia prefaciá-lo, dizendo que, já com o trabalho defendido, fui a primeira vez a Portugal. Pouco me impressionou mais que a profusão de relicários nas igrejas, e por outro mesmo as igrejas tornadas relíquia, como a do Carmo. Replicando os jogos de inscrição, talvez com parecida prodigalidade com a qual também os azulejos o permitem, De toda forma, as relíquias, hoje, dificilmente se dão a ver, os relicários, no mais das vezes, estão vazios, ocios.

Enfim, de volta ao Rio de Janeiro, numa manhã de aula externa de desenho de arquitetura, enquanto provocava os alunos a se enamorarem das janelas, e esperava fazerem seus levantamentos para desenhos em escala 1:1, *A Relíquia* me achou!, e ali se abriu a minha janela. Estava recostada num estande, como um relicário, mas este para livros. Livros a serem trocados livremente. Até aqui, contudo, as relíquias guardam uma lei silenciosa. Tomei o livro para mim, uma versão de coleção de



jornal com suplemento de interpretações vestibulares, sabendo que jamais cumpriria a lei de devolver-lhe outro livro em troca.

Este posfácio, mas que também é prefácio, deve ser interlúdio para guardar a promessa de, na falta do livro da troca, devolver algo mais e para além da própria relíquia roubada. Ser o primeiro meio para oferecer em três partes algo de Eça de Queirós ao oco no coração da cultura arquitetônica e urbanística.

Referências

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2006

_____. **As questões do patrimônio**. Lisboa Arte & Comunicação, 2018.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PEREIRA, Margareth da Silva. **Corpos escritos: paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA, Rio de Janeiro, p. 99-113, 2000.

QUEIRÓS, Eça. **A Relíquia**. São Paulo: Klick, 1997.

ROMERA, Ricardo Olmos. **A Relíquia, de Eça de Queirós: uma aproximação desde la ficción en Arqueología**. IN: Humanitas Vol. XLVII - Vol. II. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1995, pg 935-951. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/28646> , Acessado em: 8 de Dezembro de 2021.

Mário Luís Carneiro Pinto Magalhães

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-UFRJ (2002); mestre e doutor em Urbanismo pelo PROURB-FAU-UFRJ (2005; 2018). Atua como Professor no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula (desde 2015). Integra o IeU Laboratório de estudos Urbanos do PROURB/UFRJ (desde 2006). É autor de capítulos de livro e artigos publicados nas áreas de história do urbanismo e da arquitetura, com ênfase em José Bonifácio, representação e teoria da história.

Como citar: MAGALHAES, Mário Luís Carneiro Pinto. Esboços de um arquivo I: Corpo ressequido. Revista Paranoá. n. 32, Edição Temática - Arquivos e Acervos. DOI 10.18830/issn.1679-0944.n32.2022.10

Editores responsáveis: Maria Cristina da Silva Lema, Daniela Ortiz e Liz Sandoval.